

O SUJEITO BAKHTINIANO: UM SER DE RESPOSTA

Célia Maria de Medeiros

Professora da Faculdade do Seridó – FAS

e-mail: celia.medeiros@bol.com.br

Resumo

Este trabalho pretende discutir a noção de sujeito numa visão bakhtiniana. Para tanto, serão apresentados para reflexão os conceitos de responsividade e alteridade. Nesse sentido, faz-se necessário, também, trazer algumas colocações sobre as relações dialógicas, haja vista que é na interação que o sujeito em Bakhtin torna-se responsivo.

Palavras-chave

Responsividade, Alteridade, Relações Dialógicas.

Abstract

This work intends to discuss subject's notion in a bakhtinian's vision. For so much, they will be presented for reflection the concepts of responsivity and selflessness. In that sense, it is done necessary, also, to bring some placements on the dialogic relations have seen that is in the interaction that the subject in Bakhtin becomes responsive.

Key words

Responsivity, Selflessness, Dialogic Relations.

1. Introdução

Na concepção bakhtiniana, língua é heterogênea, suscetível a mudanças históricas, sociais e culturais. Isso porque o que vai ser valorizado é a fala, a enunciação, afirmando sua natureza social, não individual. Para Grigoletto (2003), língua e ideologia não podem ser concebidas separadamente, devem estar sempre imbricadas.

No que se refere ao sujeito, Sobral nos esclarece que “A proposta é a de conceber um sujeito que, sendo um eu para-si, condição de formação da identidade subjetiva, é também um eu para-o-outro, condição de inserção dessa identidade no plano relacional responsável, que lhe dá sentido. (SOBRAL, 2005, p.22).

Nessa perspectiva, o autor ainda prossegue na discussão de sujeito afirmando que

A proposta do Círculo de não considerar os sujeitos apenas como biológicos, nem apenas como seres empíricos, implica ter sempre em vista a situação social e histórica concreta do sujeito, tanto em termos de atos não discursivos como em sua transfiguração discursiva, sua construção em texto/discurso. (SOBRAL, 2005, p.23)

Ao desprezar o ideologismo estreito e o enfoque estritamente formalista para analisar e estudar a linguagem, Bakhtin afirma que o discurso nasce de uma situação pragmática, extraverbal, contextual, historial, e que continua a ligação com essa situação para poder manter sua significação.

Trabalhar com a questão da alteridade é absolutamente fundamental em trabalhos bakhtinianos. E ampliando mais a questão da alteridade em Bakhtin, nos defrontamos com a questão da presença constitutiva de vozes como princípio fundante de sua arquitetônica lingüística, pois que em todos os seus trabalhos ele defende que as palavras e os pensamentos se instauram através de várias vozes, ecoando cada uma de maneira diferente ao mesmo tempo. É o dialogismo, é a polifonia, é o plurilinguismo, é o bivocalismo, é o hibridismo, é a heteroglossia, é a carnavalização, é a pluralidade. É o humano se constituindo, e embasando o fazer científico. Daí o homem, na sua construção de uma epistemologia para as ciências Humanas, ser tido por Bakhtin como um ser social que fala e que só pode ser conhecido através de seus textos.

2. Sobre responsividade e alteridade

No plano da responsividade o homem é um ser de resposta. Nesse sentido, Geraldi (2004, p. 229) evidencia que

a responsabilidade abarca, contém, implica necessariamente a alteridade perante a qual o ato responsável é uma resposta. Somos cada um com o outro na irrecusável continuidade da história. Buscar nos eventos, nas singularidades, nas unicidades dos atos desta caminhada como se realizam as ‘respostas responsáveis’ é um modo de reencontrar os deslocamentos imperceptíveis na construção continuada dos valores, dos sentidos que regem, mas que se fazem e se desfazem na existência.

Nesse processo de alteridade, Geraldi (2004) enfatiza a ação do pensamento participativo que se concretiza e se expõe pela linguagem. Para o referido autor, o pensamento traz em si a alteridade, haja vista que pela linguagem internalizam-se as alteridades mediadoras das relações humanas.

Ainda, nessa discussão, Geraldi refere-se ao evento como impossível de ser efetivado senão participativamente. Assim, compreende-se que embora o princípio da alteridade passe pela compreensão de que o discurso é um entrelaçamento da interação do pensamento de várias vozes, ele é sempre novo, uma vez que na sua forma atual ele nunca existiu.

Para refletir sobre o discurso, não podemos esquecer do enunciado, uma vez que este é a unidade de análise das relações discursivas. Dessa forma, no plano da responsividade:

Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma ‘resposta’ aos enunciados precedentes de um determinado campo: ela os rejeita, confirma completa, baseia-se neles, subtende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. Porque o enunciado ocupa uma posição definida em uma dada esfera de comunicação, em uma dada questão, em um dado assunto, etc. É impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-las com outras posições. Por isso, cada enunciado é pleno de variadas atitudes responsivas a outros enunciados, de doutra esfera da comunicação discursiva (BAKHTIN, 2003, p. 297).

Assim, convém ainda ressaltar que:

O enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes que o determinaram tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas (BAKHTIN, 2003, p. 300).

Em *Conversas com lingüistas*, respondendo ao questionamento sobre a relação entre língua, linguagem e sociedade, Geraldi (2005, p. 78) explicita de maneira esclarecedora a noção de alteridade:

o processo social de produção de língua é sempre um processo que demanda alteridade. E essas 'alteridades' não são sujeitos ou individualidades soltas no mundo, mas individualidades e subjetividades que se constroem no processo mesmo de uso de linguagem, no contexto de uma organização social e seus modos de relações, também estas historicamente mutáveis.

Para compreender a concepção de alteridade, nos reportamos às palavras de Bakhtin (1999), quando este enfatiza que a experiência individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma intenção constante e contínua com os enunciados individuais dos outros.

3. Relações dialógicas

O termo *dialogismo* surge no contexto do *Círculo de Bakhtin* por volta de 1928 e 1929 para expressar a permanente interação e colisão entre estruturas significantes inseridas em um determinado campo histórico e social. Este inesgotável *diálogo* entre signos e, principalmente, entre "sistema de signos", quer literários, orais, gestuais ou inconscientes, é visto como originário das pulsões e tensões provocadas pelo social. Sob esta ótica, *Dialogia* foi o termo que mais usou para descrever a vida do mundo da produção e das trocas simbólicas, composto não por um universo dividido entre bons e maus, novos e velhos, vivos e mortos, certos e errados, verdadeiros e mentirosos, etc., mas como um universo composto de signos, do mais simples, como dois paus cruzados formando uma cruz, até os enunciados mais complexos, como a obra de um grande pensador como Marx, cujos valores e significados não eram dados e estáticos, mas extremamente ambíguos e mutáveis. (RONCARI, 1994, p. x).

A própria noção de signo, como se percebe, transforma-se na arena do permanente cruzamento entre estes dois planos: o da *infraestrutura*, que através da economia dá suporte a toda a sociedade; e o plano da *superestrutura*, entendida como as normas sociais, políticas, culturais, etc., que formam a estrutura ideológica da sociedade. Como todo o signo é ideológico, toda a criação ideológica é sempre um reflexo das estruturas sociais e históricas, não podendo, jamais, ser o produto de uma consciência individual isolada. Qualquer modificação na ideologia encadeia uma

modificação na língua. Nestes termos, a noção de dialogismo termina por remeter ao caráter continuamente mutável e renovável do próprio signo, cujo *sentido pleno* emerge do jogo complexo dos intercâmbios sociais (diálogos).

Faraco (2003) procura esclarecer qual o sentido que a palavra *ideologia* adquire nos textos produzidos pelo Círculo de Bakhtin.

A palavra *ideologia* é usada, em geral, para designar o universo dos produtos do “espírito” humano, aquilo que algumas vezes é chamado por outros autores de cultura *imaterial* ou produção *espiritual* (talvez como herança de um pensamento idealista); e, igualmente, de formas da consciência social (num vocabulário de sabor mais materialista). *Ideologia* é o nome que o Círculo costuma dar, então, para o universo que engloba a arte, a ciência, a filosofia, o direito, a religião, a política, ou seja, todas as manifestações superestruturais (para usar uma certa terminologia marxista). (FARACO, 2003, p. 46).

Como se percebe, o termo *ideologia* não deve ser tomado em seu sentido restrito, linear, negativo ou simplesmente fechado no *entorno teórico marxista*, mas sim, como *área de expansão* da criatividade intelectual/cultural humana. Os produtos e artefatos elaborados por tais áreas do conhecimento humano, e, principalmente, pela *imprevisibilidade* que a criação artística acarreta, não podem ser estudados desconectando-os da *realidade concreta* que os abriga. Este é o sentido que a concepção bakhtiniana dá ao do termo.

Dessa forma, os signos são *intrinsecamente* ideológicos, isto é, criados e interpretados no interior de complexos e variados processos que caracterizam o intercâmbio social. Todo e qualquer signo e todo e qualquer enunciado, nesta concepção, estão localizados na essência profunda de uma determinada *dimensão ideológica* (arte, política, Direito, etc.), e sempre comportam uma determinada *posição avaliativa*: “não há enunciado neutro; a própria retórica da neutralidade é também uma posição axiológica”. (FARACO, 2003, p. 47).

O estudo das *ideologias*, na nomenclatura bakhtiniana, expande-se para a busca da compreensão da *noção de valor*, intrínseca no próprio ser humano. A noção de *dialogismo* se refere, então, à *dinâmica* do processo semiótico de *interação das vozes sociais*, que se interpenetram, colidem, encontram-se, desencontram-se, dispersam-se e agrupam-se em torno do *todo social* no qual subsistem e a partir do qual compõem novas multiplicidades dialógicas. Nessa perspectiva,

os signos emergem e significam no interior de relações sociais, estão *entre* seres socialmente organizados; não podem, assim, ser concebidos como resultantes de

processos apenas fisiológicos e psicológicos de um indivíduo isolado; ou determinados apenas por um sistema formal abstrato. Para estudá-los é indispensável situá-los nos processos sociais globais que lhes dão significação. (FARACO, 2003, p. 48).

À semelhança da noção de ideologia, a própria metáfora do permanente *diálogo*, palavra por si só complexa e ambígua, também deve ser revista, uma vez que existem múltiplos diálogos dentro da própria *noção de diálogo*. Conforme Faraco (2003), os membros do Círculo de Bakhtin não se interessaram pelo estudo da forma-diálogo, comumente associada às conversas dos personagens nas narrativas escritas, nos textos dramáticos ou na interação face-a-face.

4. Considerações finais

As reflexões apresentadas nesse texto nos levam a tomar um posicionamento de um sujeito que se constitui na e pela linguagem. Linguagem concebida como atividade, realizada por sujeitos que são histórica, social e culturalmente situados. Um sujeito de resposta, ou seja, responsivo.

5. Referências

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003.
- _____. (Volochínov, V. N.). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9. ed. São Paulo, SP: Hucitec, 1999.
- _____. O discurso no Romance In: *Questões de estética e de literatura*. São Paulo SP: Martins Fontes, 1990.
- BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin: conceitos chaves*. São Paulo, SP: Contexto. 2005.
- FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar Edições, 2003.
- GERALDI, J. W. Alteridades: espaços e tempos de instabilidades. In: L. Negri e R. P. de Oliveira (Orgs.) *Sentido e significação em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo, SP: Contexto, 2004.
- _____. In: XAVIER, A. C. & CORTEZ, S. *Conversas com lingüistas: virtudes e controvérsias*. Rio de Janeiro: Parábola Editorial, 2005. p. 78-79.
- GRIGOLETTO, E. Da homenagem à heterogeneidade discursiva: reflexões sobre o funcionamento do discurso alheio. *Proceedings of XI International Bakhtin Conference*. Curitiba, 2003.

RONCARI, Luiz. Prefácio. In: PESSOA DE BARROS, Diana Luz e FIORIN, José Luiz. (Orgs.) Dialogismo, polifonia, intertextualidade em torno de Bakhtin. *Revista Ensaios de Cultura*, n. 7, São Paulo, EDUSP, 1994.

SOBRAL, A. Ato/atividade e evento. In: BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin: conceitos chaves*. São Paulo, SP: Contexto. 2005